

O PENSAMENTO INQUIETO DE **DANILO DI MANNO DE ALMEIDA** E O NOSSO DIÁLOGO INACABADO

Maria Leila Alves*

Escrever sobre o Danilo, sobre o que penso dele, o que sei a respeito dele, comentar o nosso relacionamento pessoal e profissional é, ao mesmo tempo, a alegria de recordar momentos preciosos e a tristeza molhada de sentir a sua falta.

Gosto muito da poesia de Carlos Drummond de Andrade, na qual ele afirma que não há falta na ausência, que a ausência é um estar em mim, mas mesmo concordando com essa forte imagem criada por ele, sinto que a assimilação da ausência é um processo doloroso e demorado. E por estar sentindo essas emoções ambivalentes, contraditórias mesmo, optei por escrever sobre o pensamento inquieto do meu amigo Danilo e sobre o nosso diálogo inacabado, em forma da carta que se segue.

Danilo, querido amigo,

Nossa conversa ficou pela metade. Não tivemos tempo de entrar em consonância sobre questões fundamentais de nosso trabalho educacional, por exemplo, a de que a educação escolar pode contribuir para a transfor-

* Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de São Paulo (1969), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2000). Atualmente é professora titular da Universidade Metodista de São Paulo. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração do Ensino, atuando principalmente nos seguintes temas: política educacional, educação, escola pública, pesquisa educacional e formação de professores. Realizou o Pós-Doutorado no Instituto de Artes da Universidade Paulista Julio de Mesquita Filho com a supervisão do Prof. Dr. João Cardoso Palma Filho.

mação social, mesmo na estrutura capitalista de produção, o que deve ser o ponto de partida para a atuação de educadores, uma vez que sem algum tipo de perspectiva de transformação, por menor que seja, entendo que a ação educativa não se justifica. É verdade que para isso a educação brasileira precisa adquirir qualidade social.

Em busca de superar o sentimento de pessimismo sobre o ser humano, que se nos acomete muitas vezes, nestes tempos de violência e atrocidades difíceis de enfrentar, é lembrando que educadores desesperançados nada podem oferecer às novas gerações com quem exercem a docência – não acreditar nas potencialidades de transformar o mundo identifica o professor como um repassador de conteúdos e não como um educador que acredita na potencialidade humana de transformar o mundo – que buscamos razões para retomar nossa utopia e seguir em frente.

Na verdade, você não se considerava um educador progressista. Aliás, sequer se considerava educador, mas, assumindo o papel de filósofo e de filósofo da educação que era, sua relação dialógica com os alunos foi profundamente educativa, como eles mesmos testemunham.

Partilhamos, durante mais de dez anos, nosso espaço de trabalho e, também, as nossas atividades conjuntas, durante várias horas, todos os dias. Você e eu realizamos inúmeras pesquisas e escrevemos muitos artigos, o que pode levar ao pressuposto de que partilhávamos de um repertório conceitual comum, o que não pode ser afirmado. O comum entre nós eram nossos princípios e valores, pois, ambos optamos por valorizar e respeitar o ser humano, por enaltecer o bem e combater o mal.

De outra parte, a lida diária na Metodista – atendimento aos orientandos, planejamento de aulas, discussões com grupos de Trabalhos de Conclusão de Curso da Pedagogia, aulas no Mestrado, na Pedagogia presencial e a distância, e ainda, no Lato Sensu, realizando leituras e correções de trabalhos de alunos e outras coisas mais, sem nos esquecer de nossas leituras de estudo – de certa forma, impediam que divergências de fundo, que sempre emergiam entre nós, fossem suficientemente discutidas, aprofundadas, esclarecidas.

Mesmo quando estávamos na fase de conclusão de nossos trabalhos, momentos esses em que o diálogo entre nós se intensificava e as divergências teóricas ganhavam presença mais marcante, a confiança que tínhamos um

no outro, fruto de nossa experiência de trabalho conjunto, permitia que contornássemos as divergências, ou melhor, construíssemos conjuntamente um processo em que estivessem presentes nossas diferentes visões de mundo, pois, em nenhum momento deixamos de querer trabalhar juntos.

Não entendia esses acertos temporários como concessões, pois, nenhum de nós pretendia abrir mão de nosso modo de pensar e de nossas opções filosóficas e políticas, mas sim, dar mais um tempo para retomarmos nossos argumentos, tentando sempre convencer um ao outro sobre o acerto das posições que assumíamos. Isto era, pelo menos para mim, uma questão vital, pois como não ter como aliado uma pessoa que eu respeitava e admirava tanto, a pessoa com quem compartilhava tantas ideias fundamentais?

Hoje você mora no céu, Danilo e, embora eu não tenha incorporado inteiramente a sua ausência, ao ser convidada para fazer parte desta edição da *Revista Páginas de Filosofia*, elaborada em sua homenagem, pretendo nela deixar parte das coisas que gostaria de ter-lhe dito, mas que, no calor de nossas discussões, não consegui.

Sempre senti em você o ser humano inteligente e crítico, que com rigorosidade filosófica analisava o mundo atual, desarmando as artimanhas ideológicas que impedem as pessoas de enxergá-lo na perspectiva de desigualdade econômica e social, desvelando as suas contradições, desestruturando a leitura da lógica formal que embala a ganância do modo de produção capitalista, atuando sempre como o desestabilizador de certezas, de um lado, radicalmente amado pela maioria dos alunos, que instigados por você reconstruíam suas leituras de mundo e, de outro lado, detestado por alguns deles, pois o desnudamento de falsas crenças não é recebido com tranquilidade por todas as pessoas, para as quais rupturas conceituais não são bem-vindas.

Convicta da importância política e acadêmica de sua pesquisa de Doutorado em Filosofia realizado na Université de Paris X, Nanterre (1999) sobre o tema *Philosophie et non-philosophie de l'imagination*, orientada pelo filósofo François Laruelle, publicada em francês com o título *Pour une imagination non-européenne*, abracei com entusiasmo a sua tese central, a qual gostaria de conhecer mais profundamente, mas que sintetizo aqui como a compreendi: a presunção dos europeus de colocar sua terra como eixo histórico, econômico, cultural e científico do mundo ocidental, em torno

da qual pretendem que girem todos os países periféricos colonizados, considerados por eles inaptos a acrescentar qualquer contribuição que seja ao patrimônio de conhecimentos, codificados segundo seus padrões culturais.

Acrescento ainda como uma das decorrências da sua análise que, parte dos acadêmicos europeus (e muitos acadêmicos brasileiros, também, que fazem por merecer essa herança) tem desqualificado e desmerecido, arrogantemente, a cultura dos países periféricos, a cultura do povo.

Você sempre me alertou (e compartilho dessas ideias) sobre a sua desconfiança à soberania da ciência positivista que fragmenta os conhecimentos sobre o real, isolando-os em diferentes nichos, cada um deles se autointitulando credor da leitura fundamental sobre o mundo, e todos, ou quase todos, separando a teoria da prática, a ética da estética, a razão da emoção, o corpo da alma e, por isso, favorecendo com suas pesquisas a manutenção e os avanços da globalização hegemônica.

Um estudo que produzimos “Um olhar estético e periférico sobre os processos de globalização hegemônica e sua repercussão na educação” (ALVES, SANTOS NETO e ALMEIDA, 2010), publicado na *Revista Educação & Linguagem*, nº 21, intitulada Educação na Ibero-América, traz, na sua terceira parte, a proposição de um olhar estético e periférico sobre os processos de globalização hegemônica, parte esta que você e o Elydio escreveram juntos e na qual você, Danilo, mais exerceu a sua crítica. Destaco o trecho a seguir que expressa o posicionamento crítico do nosso artigo sobre aquilo que tem sido o tipo de leitura mais ou menos comum quando se aborda os processos de globalização e sua repercussão na educação brasileira e que revela muito o seu modo de pensar:

[...] é necessário primeiro afirmar que seu ponto de partida é epistemológico, isto é, é o conhecimento científico, principalmente nos âmbitos das ciências sociais e econômicas, aquele que tem oferecido a base para o olhar sobre os processos de globalização. O processo é tradicionalmente conhecido no ambiente acadêmico: elege-se uma determinada abordagem teórica, pertinente a uma ou mais das disciplinas de estudos definidas para a investigação, que tem seus fundamentos e conceitos esmiuçados de tal forma a dar sustentação ao olhar e à análise a ser realizada; com esta abordagem assumida, à semelhança de uma lente, aproxima-se do objeto a ser estudado,

aqui no caso, os processos de globalização, e, a partir dos conceitos definidos procede-se à análise e elaboram-se as conclusões do olhar “científico” sobre a realidade. Percebe-se que este tipo de procedimento possibilita, por exemplo, que alguém que nunca viveu ou ao menos viu de perto as cruzeiras daqueles que estão submetidos à exploração capitalista, mas que, contudo domina de forma competente os caminhos da epistemologia de sua área produza um estudo acadêmico sobre uma determinada realidade social e/ou escolar. Sem querer tirar todo o mérito deste trabalho de investigação, mas, ao mesmo tempo, buscando rigor e coerência pergunta-se: Se o sujeito que investiga, por maior rigor e distanciamento que mantenha do objeto investigado, sempre está presente no olhar que sobre o mesmo se faz e a partir do qual se pretende a construção de um discurso, que se quer científico, como desconsiderar a falta da “experiência estética” com o objeto social sobre o qual se deseja produzir conhecimento? Como não considerar o excessivo tempo empenhado no domínio dos meandros epistemológicos em detrimento da vida mesma?

[...] A experiência estética aqui é, portanto, a experiência sensível, sensitiva, que se faz dos processos de globalização na realidade mesma na qual se vive. É a experiência concreta do corpo que sofre com a exploração, com a subjetivação dos valores e da moral oriundos da ideologia da classe social dominante, com o trabalho, com a luta pela sobrevivência, com as relações interpessoais perpassadas pelas questões de poder e de controle social, com o cotidiano no qual se está sempre correndo atrás das definições impostas pelo sistema que dita regras que vão do âmbito do privado ao público, interferindo de forma intensa nos processos de constituição das pessoas mesmas e também dos coletivos. Este deve ser o ponto de partida a partir do qual se olha para os processos de globalização.

O que se propõe aqui é que o olhar epistemológico sobre os processos de globalização é, em verdade, uma abstração da experiência estética com os mesmos, e, portanto, que termina por constituir-se numa redução, ou seja, um olhar que não consegue abarcar a totalidade concreta existencialmente experienciada no mundo vivido.

Com isto pretende-se desprezar a contribuição da abordagem epistemológica e permanecer apenas no estético? Não. Pretende-se que a experiência estética seja o ponto de partida e que, a partir daí, converta-se no condutor

da abordagem epistemológica que, molhada de vida, favoreça a construção de fundamentos e conceitos gerados não de uma abstração, mas de uma aproximação experiencial da realidade dos processos de globalização.

A noção de território, desenvolvida pelo geógrafo Milton Santos, nos permite sugerir, ainda, que tal olhar sobre os processos de globalização, além de estético precisa também assumir seu *caráter periférico*: estamos num território que se constituiu sob a perspectiva da exploração, da exclusão, da repressão, da negação dos processos de criação e de reconhecimento da própria autoria, assim como da negação da percepção do valor da própria criação cultural. É desde a experiência sensível de viver na periferia do sistema e do mundo que o olhar sobre os processos de globalização precisa se fazer.

Olhar a partir do estético e do periférico exigirá escolher novos ângulos de análise, novas formas de visão de mundo, novos valores, novos sonhos e novas utopias. Por certo, também, novas dificuldades, uma vez que assumir-se esteticamente na vivência periférica implica em transgredir a ordem epistemológica estabelecida e considerada como norma, como normal (p. 44 a 47).

Tudo o que se afirmou nesse trecho tão especial que é do Elydio e seu, Danilo, eu assinei embaixo. As discordâncias entre nós dois, a que me referi, geralmente estavam ligadas à minha opção pela metodologia histórico-dialética de análise, que considero imprescindível para conhecer a realidade social. Outra razão de nossas discordâncias relacionava-se a muitos dos referenciais teóricos nos quais me apoio, elaborados por estudiosos vinculados à tradição dialética. Se a metodologia dialética é considerada fundamental para mim, por você era considerada insuficiente.

É verdade que os exemplos desastrosos dados por muitos dos nossos exilados políticos que, depois de abolida a ditadura militar em nosso País, voltavam para cá “regenerados” portando, nesse novo momento histórico, ideologias de matriz social-democrática que não ameaçam a desestabilização da ordem vigente, são exemplos desanimadores da nossa potencialidade política submundista, pois confirmam, sobretudo, a correlação desigual de forças, encontrando-se a democracia burguesa, por ser hegemônica, relativamente estável em nosso País.

No entanto, não foram todos os quadros políticos de esquerda que debandaram para a direita. Há um acúmulo de massa crítica, ainda que

pequeno, para a esquerda, alimentada por partidos políticos progressistas, por intelectuais da academia, por lideranças de movimentos de negros, de sexo, de mulheres, embora coexistam diferentes tendências dentro desses grupos de contestação.

A luta pela libertação não ocorreu de forma diversa nos 70 anos de história do socialismo na União Soviética, em que pesem alguns períodos menos conturbados pela coerência de lideranças com premissas fundamentais do marxismo-leninismo. Além das investidas constantes da oposição capitalista, em busca de se impor como única forma de organização mundial de produção e circulação de riquezas, o regime implantado na URSS não transcorreu sem profundas divergências internas, o que contribuiu para acelerar a extinção do socialismo real.

No processo de reunificação da Alemanha Oriental com a Alemanha Ocidental, a queda do Muro de Berlim foi o grande marco da crise socialista e do colapso da União Soviética tendo, como decorrência, o rápido declínio dos países comunistas. A dissolução do governo centralizado, em 1991, resultou na independência de 15 repúblicas soviéticas. Os países socialistas do Leste Europeu foram abandonando o socialismo e assumindo o capitalismo e a democracia burguesa. Isso representou o fim do socialismo na Europa e o início do atual período de predomínio neoliberal.

No entanto, isto não significou o fim da História, embora essa tese tenha sido alardeada aos quatro ventos por adeptos radicais do capitalismo, dentre os quais os intelectuais conservadores. Não existe arrazoamento válido para que se abandone o marxismo histórico-dialético, que nos ajuda a desvelar as sutilezas das práticas da social-democracia ou da democracia burguesa, que se identificam, para mim, como a embalagem mistificadora do capitalismo que nos conduz a olhar a desigualdade social como natural.

Em meu modo de entender, em lugar do fim da História, o que se pode aferir, por um lado, é que as classes sociais fundamentais em conflito no momento histórico anterior – burguesia/proletariado – sofreram mudanças consideráveis de natureza qualitativa e quantitativa. Por outro lado, há novos atores sociais em cena, o que aponta para novos movimentos que podem gerar as transformações sociais tão necessárias.

Com o advento do neoliberalismo, movimento de recomposição do capitalismo em crise, como correr o risco de aceitar que alianças sem com-

promissos devem existir para os avanços políticos? Até que ponto alianças dessa natureza põem em risco os princípios fundamentais para a superação das desigualdades sociais? Sem alianças é possível avançar na conquista da hegemonia? Como competir com os meios de comunicação de massa, intelectuais orgânicos da burguesia?

Questões como essas sempre estiveram e ainda estão presentes em minhas indagações reflexivas. Se você, Danilo, não concordava com as minhas certezas, como poderia concordar com as minhas dúvidas?

É verdade que você, com suas críticas vigorosas, foi uma das pessoas que me ajudaram a superar a minha visão dogmática de marxismo assumida por força de minha formação e de minha prática política. Ser menos dogmática, no entanto, nunca significou para mim deixar de lado os princípios e as leis da dialética, nem desconsiderar a historicidade como elemento fundamental para o entendimento dos processos sociais.

Sempre encontrei nos argumentos que você usava para desmontar os meus aspectos muito semelhantes aos que encontro na dialética histórica, desconfiança que senti reafirmada ao ler *Princípio do movimento ou filosofar como tormenta*¹ (2011), disponível na internet, texto escrito por Daniel Pensarelli, em despedida a você, Danilo, no qual, como afirmou o autor: “Tentei registrar um pouco do modo como percebia seu fazer filosófico [...]”

Diz Pensarelli, também filósofo, sobre o orientador Laruelle e sobre o orientando Danilo:

Naquilo que li, dois livros e um pequeno punhado de textos soltos, penso que pude identificar uma espécie de correlação parcial entre sua percepção – de Laruelle – e a dos autores de Frankfurt. A tarefa proposta por Laruelle é a do movimento como tormenta filosófica. Ou uma espécie de *filosofar atormentado(r)*. A necessidade de desestabilizar o estável o justifica. À filosofia, é preciso algo que se imponha, para que ela continue sendo, e não venha a ter sido. Não há filosofia sem filosofar, e não há filosofar sem movimento. A tormenta, ou o tormento, põe-na em movimento. A proposta do filosofar como tormenta não tem no movimento da não filosofia uma expressão única, mas singular. E, parece, não há no conjunto

¹ Este texto foi escrito pelo Prof. Daniel Pensarelli enquanto ainda chorávamos e lamentávamos a morte do Prof. Danilo. Este “bilhete”, além de traduzir em palavras a tristeza de muitos, apresenta dimensões do pensamento deste amigo que agora homenageamos. A íntegra do texto compõe este volume.

da *Bibliothèque de non-philosophie* obra mais atormentadora que *Pour une imagination non-européene*. Não suficientemente satisfeito em contribuir com a filosofia por meio da árdua tarefa de lhe fazer oposição, caminhar na contramão, ser contrário para manter o um, Danilo Di Manno aparece como brilhante radical no próprio contexto do contraditório. Para além de fazer *não filosofia*, dedica-se ao estudo da *imaginação*, em lugar da razão – filosófica desde sempre. Para além de estudar a imaginação, propõe-se a abordá-la de forma *não-europeia*, pensando, portanto, desde um território originário não filosófico segundo a tradição que precisava, como tarefa, ser contestada, atormentada. [...] Em acordo com sua obra, sua morte foi rápida, surpreendente, provocativa. Inesperada.

Seja para conhecer, para desvelar, para atormentar, para denunciar, para manter, para transformar a questão do movimento e das contradições estão presentes.

Nossas discussões foram muito importantes para aprofundar as minhas reflexões e espero também, tenham contribuído com você, para aprofundar as suas. Caminhávamos juntos, por caminhos diferentes, em busca dos mesmos fins.

Porém, mesmo reconhecendo a magnitude de seus conhecimentos filosóficos, nunca conseguia trilhar os seus caminhos em busca das verdades da ciência, da filosofia e da política se tivesse que abrir mão dos meus. Considero, no entanto, que os esforços despendidos em nossos debates sempre favoreceram o amadurecimento de nossas reflexões.

O que me deixava “sem chão” não eram as nossas discordâncias, mas a sua argúcia de sempre dizer a última palavra, acabando, em alguns momentos, inteligentemente com a discussão, com argumentos idiossincráticos dos quais não podia recusar, quando colocados no plano do livre-arbítrio.

Só para dar um exemplo, em uma ocasião em que eu afirmava que você estava sendo incoerente e comparava afirmações suas, que demonstravam essa incoerência, respondia-me pondo fim ao debate: eu escolhi ser incoerente. E esse era o Danilo que eu conhecia na função acadêmica, nas relações com seus alunos, na relação com a vida: inquieto, intolerante, arguto, desafiador, curioso, anárquico, desestabilizador de teorias voltadas à exploração, desconstrutor das verdades aparentes, crítico sagaz da racionalidade científica e do formalismo acadêmico, apaixonado vibrante

do movimento dos corpos na produção da cultura humana e, por que não dizer, também incoerente.

Esse clima de debates, porém, não era o dia a dia entre nós. Conseguíamos juntos pesquisar, construir conhecimentos, participar de grupos de estudos e sempre me encantou a sua criatividade, o seu modo original e ousado de propor soluções aos problemas, de trazer a sua leitura de mundo para o que estava sendo discutido.

Lembro-me de quanto você relutou, assim como eu relutei, em aceitar ser professor do ensino a distância por considerarmos que dos avanços tecnológicos só se pode esperar o fortalecimento da dominação, da massificação, da docilização dos corpos, da acumulação de riquezas, da globalização hegemônica.

Creio que por conta da concepção de educação que abraço, aceitei, antes de você, fazer parte do corpo docente do ensino a distância, por vir a entender que como qualquer espaço social, o ensino a distância também é um espaço de contradições, que podem e devem ser exploradas dialeticamente. Passei então a tentar convencer você sobre como era fundamental sua adesão, sobre quanto espaço de atuação estava aberto para nós, sobre a possibilidade de contribuir com a educação transformadora, a possibilidade de dizer a contrapalavra à educação bancária, desafios esses que poderíamos enfrentar melhor com o seu envolvimento. Além de mim, outras pessoas tentaram convencê-lo e você terminou aceitando o desafio. E acabou, como sempre, superando a todas as nossas expectativas, pondo em ação grande parte de seu potencial criativo.

Passo a relatar uma situação criada por você em uma de suas aulas na EAD, que demonstra o que estou afirmando. Foi uma aula dada no dia 28/9/2009, no módulo *O pensamento educacional brasileiro e a ação pedagógica: primeiras aproximações* na qual iniciou a apresentação do tema *Filosofia, conhecimentos e educação: a construção do pensar brasileiro*, apresentando o filósofo racionalista Descartes, conhecido como o criador da razão técnica, o pai do racionalismo, e procurando mostrar o seu lado humano. Para isso, em uma representação magnífica, você encarnou-o e conseguiu contextualizá-lo em sua época, desfilando para quem assistiu à sua aula, o desenvolvimento acelerado da razão científica nesse período, os importantes inventos que deram início às tecnologias da comunicação e

os instrumentos para a leitura do espaço e outros mais, o desenvolvimento das artes da pintura e da música, as inquisições que sofreram Galileu, Giordano Bruno e outros, muitos dos quais perderam a vida na tentativa de colocar o planeta Terra “em seu devido lugar” no espaço, explicando e justificando com palavras e imagens a razão pela qual defendeu suas teses, dentre as quais “Penso, logo existo”, a ponto de ter que assumir o papel do Judas do racionalismo. Que coisa marcante foi ver o Descartes humano procurando se defender e se mostrar como pessoa, cuja produção respondeu aos desafios de sua época!

Em outra aula, em que discutia o preconceito, você representou um mendigo que, para adentrar a catraca da universidade, o centro de convivência e a sala de aula onde começou a tratar do tema ética, sofreu o descrédito de todos, porteiro, alunos, colegas, nos vários espaços que passou. Como aceitar que uma pessoa malvestida pudesse ser um professor de filosofia, discorrendo sobre a ética?

Também levou o jardineiro em sala de aula, para entrevistá-lo frente aos alunos sobre a sua prática de plantio e confrontando-a com a teoria que alguns alunos tinham e que não correspondiam às necessidades das flores que vicejam nos coloridos e vibrantes jardins da Metodista, por ele cuidados.

Esses são alguns exemplos de como você combatia o formalismo das aulas de repasse de conteúdos.

Estou lembrando também de um artigo que escrevemos juntos, *Formação de professores: políticas, gestão e práticas* (2010), um livro publicado pela Universidade Regional de Blumenau, com a qual, participamos de programas de formação de professores desenvolvidos em municípios de Santa Catarina. Nossa intenção ao escrever esse artigo foi a de contribuir com o Programa, utilizando o referencial teórico de análise de projetos de formação continuada, que construí em minha tese de doutorado, com o objetivo de reconhecer as principais características de projetos transformadores. Fundamentei-me para a construção do referencial em cinco pares de categorias dialéticas extraídos de projetos que faziam parte de políticas educacionais transformadoras do Estado de São Paulo, no período pós-ditadura militar. Os pares que utilizei naquele momento foram os seguintes: instituinte/instituído, relação teoria/prática, tempo/espaço de construção, ruptura/continuidade e rejeição/sedução.

Quando convidados pela Prof^a Neide, da FURB a participarmos com um capítulo do livro que estava elaborando, solicitei que examinássemos juntos o meu estudo para verificar se poderíamos utilizá-lo como ponto de partida para o que iríamos escrever. Tínhamos em vista ao revisitar a tese, após quase dez anos, discutir três questões que nos pareciam vitais para os nossos objetivos: 1) As conclusões do estudo sobrevivem ao esmagamento que a escola capitalista vem sofrendo? 2) As categorias propostas para o estudo têm a força de fazê-la resistir aos rumos tomados pelo Estado avaliador que, a modelo dos países de capitalismo avançado, assola a educação brasileira? 3) Como conduzir neste momento processos de formação continuada para direcionar a escola à sua função humanizadora, sua função de socializadora da cultura?

E você, como sempre, argutamente tinha o que acrescentar. E sugeri a criação de mais um par de categorias: *o par dialético corpo estético/corpo epistêmico*, para aprofundar os temas axiais da tese, incorporando desafios emergentes à reafirmação de uma educação humanizadora e socializadora da cultura, tendo em vista também e, principalmente, a formação continuada de professores, o que mostra, mais uma vez a sua incoerência, pois descrendo da dialética, sugeri mais um par dialético para enriquecer a minha tese, colaborando com a formulação explicitamente dialética nela presente.

Frente à necessidade de construir uma nova hipótese para defender uma nova tese, partimos da convicção de que a constituição do educador para os novos tempos deve passar, necessariamente, por sua *formação estética*.

Nesse sentido, a categoria corpo-epistêmico/corpo-estético seria acrescentada para problematizar a condição corporal no interior da educação escolar, abrindo, assim, lugar para a *tematização do corpo e da sensibilidade*, uma vez que as categorias precedentes davam conta quase que tão-somente da questão do conhecimento (cognitivo, epistêmico, epistemológico), deixando à margem a questão estética.

De outra parte, o questionamento do formalismo escolar se impunha para complementar a tese anterior. Ao introduzir a dimensão corporal, vinculada ao estético, entendemos que essa nova categoria questionaria diretamente o formalismo escolar, acrescentando ao tema da formação continuada um princípio fundamental na relação pedagógica, que é a prerrogativa do estético em relação ao epistêmico, ou seja, do sensível em relação ao cognitivo.

Você ponderou ainda, que o estético faz parte das competências cognitivas, pois que estando a escola incumbida da socialização do conhecimento e que, o estético no melhor dos casos, faz parte das competências cognitivas (abrindo espaços para as linguagens artísticas, por exemplo), o aluno, por força disto, terá aumentado o aspecto sensível de sua formação cognitiva, ampliando a sua racionalidade, sensibilizando-a.

Por fim, você ponderou ser necessário procurar alternativas que desestabilizem o monopólio das certezas epistemológicas, uma vez que o corpo já tem experiências profundas para saber que as certezas epistemológicas e as possibilidades estéticas correspondem a distintas condições de existência. Essa sabedoria corporal é o primeiro sinal de desestabilização no campo da epistemologia. O corpo epistêmico guarda certezas, o corpo estético aguarda a oportunidade de introduzir no âmbito escolar as ricas experiências que conhece antes mesmo de sentar-se nos bancos escolares.

Essas ponderações e justificativas deram fundamento ao novo par de categorias, o que enriqueceu, graças a você, a minha tese inicial, que enriquecida está publicada para quem quiser conhecê-la e dialogar com ela.

Poderia relatar muitas outras coisas instigantes que vivemos juntos, meu amigo, assim como falar dos vários projetos que queríamos desenvolver, mas você se foi, Danilo, deixando muita saudade e marcas profundas com seu corpo indócil, irrequieto, em busca de sempre mais.

Você jamais será esquecido por nós, Danilo! Seja feliz!